

Vinicius Lummertz*

A copa e nova humanidade

Há algo de historicamente novo nesta Copa do Mundo, algo que vai muito além da ampliação para 48 seleções, dos resultados inesperados ou dos debates sobre favoritos. O que está acontecendo diante de nossos olhos é uma mudança profunda na geografia do futebol e, em certa medida, uma mudança na própria representação do mundo.

Durante décadas, o esporte mais popular do planeta viveu uma curiosa contradição. Era amado em praticamente todos os países, mobilizava multidões em todos os continentes, produzia ídolos globais e despertava paixões universais, mas sua elite competitiva permanecia relativamente concentrada. Bilhões acompanhavam as Copas do Mundo enquanto um grupo restrito de nações chegava ao torneio acreditando efetivamente na possibilidade de protagonismo.

A atual Copa sugere que essa realidade está ficando para trás. O Japão já não surpreende. A Coreia do Sul já não surpreende. Marrocos já não surpreende. Senegal, Egito, Costa do Marfim, Canadá, Austrália, Estados Unidos e tantas outras seleções passaram a ocupar um espaço que, durante muito tempo, pareceu reservado a poucos. Não se trata de saber quem vencerá o torneio. Trata-se de perceber quantos passaram a acreditar, legitimamente, que pertencem a esse palco.

O futebol foi global durante muito tempo. Agora começa a tornar-se global também na distribuição das oportunidades. O talento sempre esteve espalhado pela humanidade. O que mudou foi a circulação do conhecimento. Treinadores atravessaram fronteiras, métodos de formação viajaram entre continentes, a ciência do esporte difundiu-se, centros de treinamento surgiram onde antes não existiam. O aprendizado deixou

de ser patrimônio de poucos países para tornar-se patrimônio de muitos.

Há também um aspecto humano particularmente interessante nessa transformação. Em diversas seleções, vemos jogadores nascidos em um país, formados em outro e representando a terra de seus pais ou de seus avós. As grandes migrações das últimas décadas aparecem em campo não como problema, mas como parte da riqueza humana que caracteriza o século XXI. O pertencimento nacional permanece vivo, mas torna-se mais amplo, mais complexo e mais próximo da realidade contemporânea.

Marrocos tornou-se um dos símbolos mais visíveis dessa nova fase. Mas está longe de ser um caso isolado. O futebol passou a refletir um mundo de conexões, encontros e trajetórias compartilhadas. O que antes parecia exceção tornou-se parte da paisagem normal do esporte.

Talvez por isso esta Copa possua algo do espírito das Olimpíadas. Não porque os esportes sejam semelhantes, mas porque transmite uma sensação rara de participação ampliada da humanidade. Há mais povos em campo, mais histórias em campo, mais culturas em campo e mais possibilidades abertas.

Essa ampliação produz algo frequentemente subestimado: autoestima coletiva. Quando uma seleção africana enfrenta uma potência europeia de igual para igual, quando uma equipe asiática se apresenta entre as mais organizadas do torneio ou quando países tradicionalmente periféricos passam a ser respeitados pelo seu futebol, não cresce apenas a qualidade do espetáculo. Cresce também a confiança de sociedades inteiras em suas próprias capacidades. Milhões

de jovens passam a enxergar horizontes que antes pareciam reservados a outros.

Décadas atrás, Pelé, que recriou o futebol norte-americano, percebia o potencial extraordinário do futebol africano. Sua observação revelava menos uma previsão esportiva do que uma compreensão intuitiva da natureza humana. O talento não reconhece fronteiras. Oportunidades, sim.

Existe ainda uma dimensão simbólica que ajuda a compreender a relevância desta Copa. Na tradição da semiótica, símbolos são representações capazes de condensar significados maiores do que os fatos que lhes deram origem. Tornam visíveis transformações que muitas vezes ainda estão em curso e cuja dimensão completa ainda não conseguimos medir.

Talvez esta Copa venha a ocupar esse lugar. Não porque determine o futuro, mas porque parece representar algo que está acontecendo muito além dos estádios. A ampliação dos protagonistas, a circulação global do conhecimento, a emergência de novos centros de excelência e a crescente participação de povos antes periféricos no futebol de alto nível compõem uma imagem poderosa de um mundo em transformação.

Em uma época marcada por guerras, radicalismos e tensões geopolíticas, o contraste chama a atenção. Enquanto grande parte do noticiário descreve divisões, o futebol revela aproximações. Enquanto os conflitos ocupam as manchetes, bilhões acompanham atletas de origens distintas compartilhando um mesmo espaço de competição, respeito e admiração.

O turismo produz algo semelhante. Viajar é descobrir o outro. O esporte é reconhecer o ou-

tro. Ambos ampliam horizontes e aproximam sociedades que, sem essas experiências, permaneceriam distantes. Talvez por isso os grandes eventos esportivos e os grandes movimentos de viagens estejam entre as manifestações mais visíveis de um mundo que continua buscando formas de convivência e cooperação.

Os símbolos possuem força porque revelam antes de explicar. Talvez o futebol esteja cumprindo exatamente esse papel. Sem manifestos, sem teorias e sem a pretensão de interpretar a história, acaba oferecendo uma representação visível de possibilidades que ainda estão se formando. Não uma promessa, nem uma previsão, mas uma imagem.

A imagem de um mundo com mais protagonistas, mais centros de excelência, mais circulação de conhecimento e mais povos ocupando espaços que, durante muito tempo, estiveram reservados a poucos.

Ao final, apenas uma seleção levantará a taça. Mas esta Copa talvez seja lembrada por algo que transcende o resultado. Pela ampliação do número de sociedades capazes de sonhar, competir e aspirar ao protagonismo.

Durante muito tempo, poucos representavam muitos. Agora, cada vez mais, os próprios povos representam a si mesmos, como na chegada da República do Congo, com figurino de extrema elegância e representação cultural simultânea. O futebol não está discutindo o futuro. Está mostrando o futuro.

***Vinicius Lummertz é Senior Fellow do Milken Institute, foi ministro do Turismo e secretário de Turismo e Viagens de São Paulo.**

Josier Vilar*

Rio Empreendedor: Descobrendo diferenciais competitivos para o Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro possui atributos únicos que o colocam entre as cidades mais admiradas do mundo. Sua beleza natural, gente bonita e alegre, vocação turística, riqueza cultural, economia criativa, capacidade de atrair talentos e relevância histórica constituem importantes diferenciais comparativos. Entretanto, em um mundo cada vez mais competitivo, essas vantagens, por si só, não garantem desenvolvimento econômico sustentável.

O verdadeiro desafio do Rio é transformar seus diferenciais comparativos em diferenciais competitivos. Isso significa criar um ambiente capaz de atrair investimentos, estimular a inovação, gerar empregos de qualidade e ampliar as oportunidades para empreendedores e cidadãos.

É com esse propósito que a Associação Comercial do Rio de Janeiro promoverá, nos dias 22 e 23 de julho, a quarta edição do Fórum Rio Empreendedor, que terá como tema central "O desafio de construir uma cidade inteligente e acolhedora".

Uma cidade inteligente não é apenas aquela que utiliza tecnologia de ponta. É aquela que coloca a inovação a serviço das pessoas, melhorando a mobilidade urbana, a segurança, a educação, a saúde, a sustentabilidade e a eficiência dos serviços públicos.

Da mesma forma, uma cidade acolhedora é aquela que promove inclusão, acessibilidade, respeito ao cidadão e oportunidades para todos.

O desenvolvimento do ecossistema empresarial fluminense depende diretamente dessa combinação entre inteligência urbana e acolhimento social. Empresas prosperam em ambientes organizados, seguros, inovadores e conectados. Empreendedores investem onde encontram infraestrutura adequada, segurança jurídica, mão de obra qualificada e uma visão compartilhada de futuro.

O Fórum Rio Empreendedor reunirá lideranças empresariais, especialistas, gestores públicos e representantes da sociedade civil para discutir soluções concretas para os desafios do Rio de Janeiro.

Mais do que um espaço de debates, o evento busca estimular a construção de uma agenda co-

laborativa voltada para a competitividade, a inovação e o desenvolvimento sustentável do Estado.

O futuro do Rio não será definido apenas pelos recursos que herdamos da natureza ou da história. Ele dependerá, sobretudo, da nossa capacidade de construir um ambiente favorável ao empreendedorismo, à inovação e à geração de oportunidades.

Essa é a missão do Fórum Rio Empreendedor e um compromisso permanente da Associação Comercial do Rio de Janeiro com o desenvolvimento do nosso Estado.

***Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro-ACRJ**

João Batista Garcia Canalle*

Nova corrida espacial: disputa agora é entre China e EUA

A nova corrida espacial já está em andamento e, desta vez, a disputa acontece entre China e Estados Unidos. A missão chinesa Shenzhou 23 representa mais um passo no plano da China de levar astronautas à Lua até 2030.

A missão chamou atenção pelo tempo de deslocamento que levou apenas três horas para chegar à estação espacial chinesa Tiangong, período menor do que o registrado nas missões americanas. O feito demonstra o avanço tecnológico chinês e a estratégia adotada para ampliar sua presença no setor espacial.

Um dos tripulantes deve permanecer um ano no espaço para estudar os efeitos da microgravidade no corpo humano. O objetivo é preparar futuras missões tripuladas à Lua, es-

pecialmente diante dos desafios físicos enfrentados pelos astronautas.

Os principais problemas observados envolvem perda de densidade óssea, atrofia muscular, exposição à radiação, desgastes psicológicos e distúrbios do sono. O astronauta brasileiro Marcos Pontes relatou sequelas após sua missão espacial em 2006, incluindo estenose nos canais auditivos, vómito, alterações hormonais, perda de densidade óssea, sangramentos nos ouvidos, alergias e mudanças de peso.

A Lua voltou ao centro do interesse mundial porque existe a intenção de estabelecer uma presença humana permanente. Isso envolve pesquisas sobre extração de água do solo lunar, proteção contra radiação, adaptação à bai-

xa gravidade, ausência de atmosfera e variações extremas de temperatura.

Além disso, o satélite deve funcionar como um laboratório para experiências envolvendo geração de energia, construção de habitats, utilização de recursos locais e possibilidades de cultivo. Os estudos podem fornecer informações importantes para futuras missões.

Vale ressaltar que os Estados Unidos também seguem com seus projetos. A missão Artemis II, realizada neste ano, passou pelo lado oculto da Lua. Os quatro astronautas a bordo se tornaram as pessoas a viajarem mais longe da Terra na história. Já a futura missão Artemis III deverá testar capacidades de encontro e acoplamento entre a nave Orion e os sistemas comerciais de pouso humano.

Ainda neste ano, os chineses pretendem lançar a sonda Chang'e 7 em direção ao polo sul da Lua para estudar possíveis áreas de instalação de uma futura base lunar. O projeto coloca o país em disputa direta com os americanos, que também pretendem levar astronautas de volta à superfície lunar com o programa Artemis.

Quando os Estados Unidos chegaram à Lua pela primeira vez, em 1969, a China ainda não possuía um programa espacial estruturado. Hoje o país disputa espaço em igualdade na nova corrida espacial.

***Astrônomo e coordenador da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica da Olimpíada Brasileira de Foguetes**